

Lobsang Rampa

O EREMITA

Capítulo primeiro

Lá fora, brilhava o Sol. Vívido, iluminando as árvores, projetando sombras negras por trás das rochas e pendentes, mandando milhares de pontos resplandecentes refletidos, o azul do lago. Aqui no bom abrigo da caverna do antigo eremita, a luz se filtrava através dos galhos e chegava verde, suave, aos olhos cansados de uma exposição.

O jovem, respeitosamente, aproximava-se do eremita magro, sentado sobre uma pedra gasta pelo tempo.

“-Eu vim a Ti para ser instruído, ó Venerável!” Disse o homem santo com voz tranqüila.

“-Sente-se”, ordenou o mais velho dos dois.

O jovem monge, de vestes vermelho-tijolo, curvou-se novamente e sentou-se de pernas cruzadas no chão-apisnado, próximo ao professor.

O velho ermitão ficou em silêncio, como se visse uma infinidade de coisas passadas, mas com as órbitas dos olhos vazias.

Muitos, mas muitos anos atrás, quando era um jovem lama, tinha caído nas mãos dos oficiais das tropas chinesas em Lhasa, por não revelar segredos de Estado que ele não conhecia, e privado de seus olhos. Torturado, mutilado e cego de ambos os olhos, tinha andado para lá e para cá, com amargura e decepção, fugindo da cidade. Viajando à noite, andou até longe dela, quase enlouquecido de dor e horror; evitando a companhia dos homens.

Pensava. - Eu pensei. - não lhe deixaram os seus pensamentos.

Subindo sempre a maior altura, vivendo do gramado e das ervas que encontrava em seu caminho; e guiado, para onde encontraria o que beber pelo murmúrio dos riachos. Manteve uma centelha da vida. Gradualmente, as suas piores lesões foram sarando, as órbitas de seus olhos pararam de sangrar. Mas sempre buscava ir mais alto. - eu sempre olhando para cima a ele. - Humanidade... Torturando ferozmente homens como você e sem razão.

O ar estava ficando mais rarefeito. Desapareceram as árvores, que com sua casca podia sustentar-se. Não podia ele estender a mão e arrancar planta ou grama.

Então ele precisava rastejar sobre as mãos e joelhos, vagando de um lugar para outro, esforçando-se, esperando para fazer o suficiente para afastar o tormento da fome.

O ar ficou mais frio, mais penetraram os dentes do vento; mas ainda mais se esforçou para cima, sempre mais arriscando, como movida por um impulso interior.

Poucas semanas antes, antes do início de sua jornada, ele encontrou uma forte rama, que empunhava como um cajado para buscar seu caminho. De

repente, seu bastão de cego foi encontrado em frente a uma parede e não conseguia encontrar maneira de conduzi-lo mais adiante.

O jovem olhou para o velho monge. Não há qualquer sinal de movimento. "Assim devia ser" pensou o jovem, e consolou-se que os "Veneráveis Presbíteros" vivem no mundo do passado e nunca alteram sua forma de ser por nada. Ele olhou com curiosidade em torno dele, na caverna nua. E ela era completa. De um lado, se observava uma palha amarelada - a cama.

Ao lado dele, uma tigela. De uma projeção da rocha, havia pendurada uma túnica cor de açafraão suja, triste, como que consciente de estar descolorida pelo sol. E nada mais. Nada. Nada.

Este velho ponderou o seu passado quando ele foi torturado, mutilado e cego. Quando ele era um jovem como aquele que estava sentado em frente dele.

Num acesso de frustração, com sua bengala bateu a estranha barreira diante dele. Em vão, ele lutou para ver através das tigelas vazias de seus olhos. Finalmente, rendido pela intensidade de suas emoções, desmaiou ao pé daquela barreira misteriosa. O ar rarefeito atravessava suas roupas, roubando o calor e a vida de seu debilitado corpo.

Longos momentos passaram. Finalmente, os passos de uns pés calçados ressoaram no chão pedregoso.

Escutaram-se palavras murmuradas em uma linguagem incompreensível e o corpo fraco daquele lama foi levantado e levado embora.

Ouviu-se um "iclang!" metálico e como um abutre que estava lá pousado, considerando-se satisfeito de sua comida, voou pesadamente.

O velho ermitão começou a lembrar. Tudo aquilo que aconteceu muito tempo atrás. Agora, ele teria que instruir o jovem monge que tinha em frente e que era como ele foi. Quantos anos fazia? Sessenta? Setenta? Talvez mais? — Não importava; tudo tinha sumido, perdido nas brumas do passado.

O que significam os anos da vida de um homem, quando ele conhece o que tem o mundo?

Era como se o tempo tivesse parado. Até o vento débil, que sussurrava através das folhas tinha cessado seu sopro. No ar, flutuava uma expectativa temerosa, enquanto o jovem monge estava esperando o velho ermitão começar seu discurso. Finalmente, quando a tensão foi se tornando insuportável para o jovem, *o Venerável* iniciou suas palavras.

"Você foi enviado para mim - disse ele -, porque lhe foi destinado um grande trabalho nesta vida, e eu tenho que instruir todos quantos são meus conhecimentos, então você tem que encontrar-se até certo ponto de seu próprio destino."

O velho encarava em direção do jovem, que se movia confuso. Era difícil, pensava, tratar com cegos; "olham" sem ver; mas dão a sensação de que vêem tudo. Ninguém sabe como tratar com eles.

A voz desacostumada a expressar-se continuou: "Quando eu era jovem, reuni-me com experiências diversas, experiências dolorosas. Deixei nossa grande cidade de Lhasa e vaguei, cego, através do deserto. Enfraquecido, enfermo e inconsciente, fui arrebatado, eu não sei onde e ali fui instruído na

preparação para este dia. Quando meus conhecimentos do que aconteceu passarem a você, o trabalho da minha vida haverá terminado e eu poderei ir em paz para os campos Celestiais ".

Dizendo estas palavras, um brilho beatífico iluminou as bochechas encolhidas e enrugadas do homem velho, que deu inconscientemente mais velocidade à sua roda de oração.

Lá fora, as sombras, lentamente, rastejavam pelo chão. O vento ficou mais forte e empurrava a poeira seca, cor de osso formando pequenos redemoinhos ao longo do piso. A intervalos, um pássaro lançava um apelo urgente.

Em um modo quase imperceptível, a luz do dia foi desvanecendo e as sombras se alongavam. Dentro da caverna, agora francamente no escuro, o jovem monge fortemente pressionava o corpo, esperando assim suprimir o ronco de sua fome crescente. Fome. "Estudo e fome", pensou, "Sempre andam juntos." Um passageiro sorriso atravessou o rosto do eremita. "Ah! — Exclamou - a informação era precisa. O jovem se sente faminto."

A barriga dele faz o som de um tambor oco. Ela que me informou desse detalhe. E também o remédio. Vagarosamente, pacientemente se pôs em pé sem titubeio, com o ranger de idade, a uma parte escondida da caverna. A seu regresso deu ao jovem monge um pequeno pacote.

"Da parte de seu Honorável Guia", explicou. "Ele disse que quer fazer mais doces seus estudos." Tortas doces da Índia. E um pouco de leite de cabra, para mudar a água como única bebida.

"Não, não", exclamou o velho ermitão, quando foi convidado a compartilhar o alimento.

"Percebo as necessidades dos jovens, especialmente aqueles que vivem além das montanhas. Come e desfruta. Eu, pessoa insignificante, tento seguir em meu caminho humilde o gracioso senhor Buda e viver da semente metafórica da mostarda. Mas você, come e dorme, porque a noite vem sobre nós." Dizendo essas palavras, o velho tinha voltado ao interior oculto da caverna.

O jovem foi até a entrada da caverna, que agora era um oval cinza contra a escuridão interna. Os picos mais altos da montanha pareciam recortes negros contra o espaço vermelho do céu em torno delas. De repente, houve um crescente resplendor prateado pela passagem de luz em algumas nuvens escuras solitárias, como se a mão de um Deus abrisse as cortinas que ocultavam aquilo que os homens chamam "o Reino dos Céus". - Mas o jovem monge não se entretiu, o jantar foi frugalíssimo e não teria resistido qualquer garoto ocidental.

Ele então retornou para a caverna e, cavando uma depressão no solo arenoso onde descansaria seu quadril, caiu em um sono profundo.

Os primeiros raios de luz chegaram com um tremendo inconveniente

Ele se ergueu num único impulso, e pôs-se em pé, envergonhado olhou em volta. Neste momento, o velho ermitão entrava caminhando incertamente para dentro da caverna.

"Oh, venerável - exclamou o jovem monge nervosamente - eu dormi a mais da conta e não me lembrei dos ofícios noturnos!" Então ele se deu plenamente conta de onde ele estava.

. "Não temais, jovem amigo - riu o eremita -. Aqui não há ofícios. O homem, uma vez desenvolvido, terá ofícios dentro de sua própria alma, em toda parte e sempre, sem que tenha que ser reduzido a um rebanho de iaques, que não têm uma mente. Mas faz o teu tsampa (*) e come; porque hoje eu tenho que lhe dizer muitas coisas, e você tem que lembrar-se de todas elas." Com estas palavras, o homem santo, liderou o dia emergente.

Uma hora depois, o jovem estava sentado em frente ao ancião ouvindo esse relato, tão emocionante como estranho. Uma história que englobou todas as religiões, histórias sobrenaturais e lendas do mundo. Uma história que havia sido reprimida por todos os sacerdotes sedentos de poder e os "cientistas" a partir dos primeiros tempos tribais.

A luz solar filtrada pela folhagem da boca da caverna e deu brilho às fibras metálicas das rochas. O ar ligeiramente quente, e uma leve neblina pairavam sobre o lago. Alguns pardais se batiam ruidosamente, preparando-se para a sua tarefa sem fim de procurar comida suficiente.

No alto, um urubu ficou sozinho, apoiado por uma corrente ascendente do ar, subindo e descendo com asas estendidas, imóveis enquanto que com os olhos aguçados procurava no solo desnudo algum corpo morto ou moribundo.

(*) água fervida com a farinha torrada.

Convencido que não havia nada a seu favor, foi a outros céus com um grito e saiu em busca de melhor fortuna.

O velho eremita estava sentado ereto e imóvel, com a sua figura esquelética mal coberta pelos restos de sua túnica dourada. "Dourada", já não era, mas sim descolorida pelo sol e se transformou em umas tiras de trapo amarelo, onde as pregas foram reduzidas em partes branqueadas pela luz solar.

A pele era enrugada em suas bochechas magras, e com a cor de cera, branquíssima comum entre pessoas privadas da visão.

Ele estava descalço e os objetos de sua propriedade eram limitados a umas poucas coisas: uma tigela, um moinho de orações, e apenas uma mudança de roupa, assim desbotada e manchada como a que ele estava vestindo. Nada mais, absolutamente nada mais no mundo.

Sentado na frente do eremita, o jovem monge meditando.

Quanto maior espiritualidade de um homem, menor são seus bens terrenos.

Os abades grandes, com seus hábitos de ouro, sua riqueza e abundância de alimentos, eles sempre estavam em luta para alcançar o poder político e viviam para o momento presente, ainda que reverenciassem dos lábios para fora as Escrituras.

"Jovem amigo" começou a voz anciã. "Meus dias se aproximam da sua conclusão. Tenho que transmitir-te o conhecimento que tenho; após o que, meu espírito estará livre para ir para aos Campos Celestiais. Você, por sua

vez, deve transmitir esse conhecimento a outros. Ouça, então, e armazena tudo o que diz em sua memória sem falhas."

"Aprende isto, estuda aquilo! A vida agora é nada, mas do que trabalho incessante", pensei.

Mas o ermitão continuou: "Você sabe como me trataram os chineses, como eu estava vagando pelo deserto e eu terminei aonde me aconteceu um grande prodígio. Um milagre, porque um instinto secreto me levou até as portas do Santuário da Sabedoria".

Quero dizer a você. "Minha sabedoria será sua, como foi mostrado a mim, porque, apesar de estar privado da visão, eu vi tudo."

O jovem monge assentiu com a cabeça, esquecendo que o ancião, não podia lhe ver, então, percebendo, ele disse:

"Eu estou ouvindo, ao Venerável Mestre, e eu estou qualificado por meu treinamento para se lembrar de tudo."

Embora dizendo estas palavras, ele fez uma reverência e sentou-se, aguardando um tempo. O ancião sorriu e continuou sua história:

"A primeira recordação é que eu estava confortavelmente deitado em uma cama macia. Naturalmente, eu era jovem, então, como você é, e acreditava que ele havia sido transportado para os Campos Celestiais. Mas ela não podia ver e eu pensei que se o lugar onde eu estava era o outro lado da vida teria recuperado minha vista. Então eu continuava lá deitado e esperando.

Depois de um longo tempo, alguns passos muito silenciosos se aproximaram e pararam ao meu lado. Eu ainda estava imóvel não sabendo o que esperar".

"Ah", exclamou uma voz que parecia ser um pouco diferente da nossa.

"Ah, eu vejo que recuperou a consciência. Você está bem?"

Que pergunta mais idiota, pensei para mim mesmo. Como posso encontrar-me bem, se eu estou morrendo de fome?

Era certo? Eu realmente não sentia fome. Encontrava-me bem, muito bem.

Cautelosamente, movi meus dedos, senti meus braços, sem um traço algum de agulhadas. Eu tinha me recuperado e eu me senti normal, exceto que ele não tinha olhos.

"Sim, sim, sinto-me bem, obrigado pela pergunta", eu respondi. A voz disse em seguida: "Gostaríamos de restaurar sua visão, mas tinham lhe tirado os olhos e não foi possível. Descanse um pouco e falaremos logo com você em detalhes".

Descansei, não tinha outra opção. Logo eu estava dormindo de novo. Quanto dormi, eu não sei, mas um doce som de sinos, casualmente, manteve-me acordado; doce toque e, aliás, mais agradável do que os mais antigos sinos de prata, mais sonoro que o som das trombetas ao longo do templo.

Sentei-me e olhei ao redor, como se pudesse forçar a vista das minhas órbitas sem olhos. Um braço deslizou amigável muito próximo de minhas costas, e uma voz me disse: "Levanta-te e siga-me. Vou levar-te".

O jovem religioso permanecia sentado e experimentava uma estranha sensação, pensando que nunca tinham lhe ocorrido aventuras semelhantes; ignorando que seu dia chegaria.

“Eu peço, continua, Venerável Mestre.”, exclamou.

O velho mestre sorriu satisfeito com o interesse que mostrava o jovem.

“Ele me levou para um quarto espaçoso, aparentemente repleto de gente, ouvi o som de suas respirações e pelo atrito de suas vestes. Meu guia disse-me, "Sente", e um estranho engenho foi empurrado para mim. Esperando sentar-me no chão, como todas as pessoas educadas, eu quase caí ao choque com este artefato”.

O velho ermitão fez uma pausa e uma risada seca escapou de sua boca para relatar a última cena. “Sentei-me com muito cuidado - continuou - e eu achei que o objeto era macio, mas também sólido. Sentia que eu estava apoiado em quatro pernas e pela parte de trás havia uma coisa que eu podia apoiar minhas costas. De momento, pensei que me acharam muito débil para sentar-me sem qualquer proteção, então eu percebi de surpresa e diversão entre os presentes, e que, aparentemente, essa era a maneira de sentarem-se todas aquelas pessoas e, sinceramente, eu estava pendurado tristemente a aquela plataforma acolchoada.”

O jovem monge tentou imaginar o que poderia ser uma plataforma para sentar-se. Porque existiam semelhantes objetos? Por que tem que inventar coisas inúteis? Não, ele decidiu, o solo era suficiente para ele, sem riscos de cair. E quem é tão fraco que ele precisa ter as costas apoiadas?

Mas o velho estava falando mais uma vez - seus pulmões eram resistentes - ao jovem monge.

A tão estranha da nossa voz continuou – “Estabelecemos contato com você e esclareceremos quem somos e por que você se sente tão bem. Sente-se com todo o conforto, porque temos a dizer-lhe muitas coisas ”.

“Ilustres senhores”, eu disse me desculpando. “Estou cego, eu fui privado de minha vista e me diz que tem muito a dizer e para me mostrar. Como pode ser isto?”

"Tranqüiliza-te - disse a voz - porque tudo vai ficar claro para você, com o tempo e paciência."

As partes de trás das minhas pernas começaram a doer-me, pendurado naquela posição estranha, de modo que as encolhi, tentando me manter na posição de lótus sobre a pequena plataforma de madeira sobre quatro pés e suportei com aquele incômodo nas costas.

Então, sentia mais a minhas ancas, apesar de que, por não ver, poderia perder o equilíbrio, sem querer.

"Nós somos os jardineiros da Terra," a voz continuou. "Viajamos pelos universos, colocando os seres humanos e animais por mundos diferentes. Vocês, os filhos da Terra, possuem lendas sobre nós, nos chamando de deuses celestiais, falando sobre nossas carruagens de fogo. Agora lhe daremos uma informação relativa à origem da vida na Terra, assim que possa você passar o seu conhecimento para o outro que virá depois e escreverá sobre essas coisas ao mundo, porque é hora que as pessoas conheçam a verdade sobre seus deuses, antes que comece o Segundo Período".

"Há certa confusão", exclamei em desânimo. "Não sou mais que um pobre monge que veio a esta fase sem saber como".

"Nós, com nosso conhecimento, o orientaremos - murmurou a voz - escolhemos você pela sua memória extraordinária, que ainda iremos reforçar. Sabemos tudo sobre você. É por isso que te trouxemos a nós."

Fora da caverna, a luz, agora brilhante, do dia, a nota do canto de um pássaro se elevou aguda e penetrante como um alarme. O grito de uma ave de rapina e o pássaro fugiu daqueles lugares precipitadamente. O velho ermitão levantou a cabeça de um momento, dizendo: "Não é nada, provavelmente um pássaro voando em altitude, lançou um ataque".

O jovem monge encontrava-se tão entretido com a história de antigamente, que não era difícil de visualizá-la. Na ponta do lago, salgueiros balançando preguiçosamente perturbados apenas pelas brisas que agitavam suas folhas e os faziam protestar contra a invasão de seu descanso. Agora, os primeiros raios de sol tinham deixado a entrada da caverna e nela reinava o frio, com a luz tingida com a cor verde claro. O velho eremita se estremeceu ligeiramente, cobriu-se melhor com as suas simples vestes e continuou:

"Eu estava com medo, muito medo. O que eu sei sobre esses Jardineiros da Terra? Eu não era um jardineiro. Não sabia nada sobre Eles, nem sobre plantas, muito menos de universos. Eles não precisavam chamar-me até lá."

Ao pensar sobre essas coisas, coloquei meus pés na de ponta de meu assento e me levantei. Mãos carinhosas, mas firmes, me fizeram sentar-me naquela estranha forma, com meus pés apoiados e meu descanso para as costas em alguma coisa que ficava atrás de mim.

"A planta não deve emitir ordens para o jardineiro", murmurou uma voz. "Te trouxemos até aqui, e aqui você tem que aprender."

"Em volta de mim, enquanto eu me sentei para trás, atordoado, mas também irritado, começou uma grande discussão em uma língua desconhecida para mim. Vozes. Vozes. Outras profundas, ressonantes, como touros e iaques em períodos de acasalamento, berrando por toda a paisagem. Quem quer que fossem, eu pensei, não augura nada de bom para mim, uma pessoa rebelde, em cativeiro involuntário.

Ouvi com medo e incerteza todo o tempo que levou a discussão para mim incompreensível.

Aqueles assobios e trovões como estridentes trombetas em um desfiladeiro. Que pessoas eram aquelas? Pensei, o que pode representar esta multiplicidade de tons e supertons em gargantas humanas?

Onde eu estava? Talvez eu estivesse em mãos piores do que quando fui preso pelos chineses. Oh, ter os olhos! Olhos para ver o que eu já estava proibido. Talvez fosse o mistério desvanecer-se, à luz do olhar? Mas, como eu entendi, então o mistério viria a ser mais profundo. Permaneci sentado, cheio de apreensão e muito assustado.

A tortura que tivera experimentado nas mãos dos chineses tinha me debilitado, fazendo-me temer que não pudesse suportar, de nenhuma maneira. Teria sido melhor se os Nove Dragões chegassem e consumissem-me de uma vez que do que eu ter que suportar a obra do Desconhecido. Então permaneci sentado, como não havia nada a fazer.

“Muito me fizeram temer pela minha segurança. Tivesse olhos para ver, tinha feito um esforço desesperado para fugir, mas aquele que não os tem é especificamente sem esperanças, à mercê de tudo. A pedra foi lançada, a porta trancada, as ameaças que eu tive, mais crescentes me apresentavam, ameaçadoras, opressoras, e sempre temerosas. O ruído crescendo. Os gritos gritando mais alto como um rugido de touros em batalha.. Temia golpes violentos sobre a minha pessoa, através de minha escuridão eterna. Peguei fortemente a lateral de meu assento, mas o soltei em seguida, pensando que um golpe poderia deixar-me sem sentidos, mas se não tivesse resistência o choque seria suave.

"Não temais", disse a voz, agora familiar para mim. "Este é unicamente uma reunião do Conselho. Nenhum dano pode acontecer para você. Precisamente, estamos discutindo a melhor maneira de instruir-te."

“Grande Senhor”, eu respondi um pouco confuso. "Estou surpreendido com a verdade, ao ouvir a grande variedade que suas vozes sejam assemelhando-se aos pastores de iaques mais humildes, nas montanhas”.

Um divertido rumor de risadas celebrou meu comentário. Meu auditório, ao que parecia, não estava chateado pela minha louca franqueza.

"Lembre-se sempre", respondeu o jardineiro. "Não importa o quanto que se levante a voz, há sempre uma discussão, uma discrepância. Sempre uma opinião que diverge do que os outros dizem. Todo mundo tem que discutir argumentar e inevitavelmente realizar sua própria opinião, pois ninguém quer ser um mero escravo, um autômato, sempre pronto a aceitar os ditames de outro. É preciso discutir, raciocinar. A livre discussão sempre se interpreta pelo observador incompreensivo como prelúdio de uma violência física."

. "Ele tocou meus ombros, tranqüilizou-me e continuou: "Temos pessoas aqui não só de raças diferentes, mas de vários mundos. Alguns são de nossa galáxia. Outros vêm de galáxias mais distantes. Alguns deles lhe pareceriam pequenos anões, ao passo que outros são verdadeiros gigantes, seis vezes superiores aos que são dotados com alturas inferiores ".

Escutava seus passos ao deixar-me para se juntar ao outro grupo.

"Outras galáxias" O que significa tudo isso? Gigantes, como eram aqueles que tinham ouvido falar em histórias maravilhosas. Anões, similares

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

